

SEMINÁRIO

IMAGEM, PESQUISA E

ANTROPOLOGIA

04 A 08 DE NOVEMBRO DE 2013

UNIFESP-EFLCH

WWW.VISURB-UNIFESP.WIX.COM/VISURB-UNIFESP

O Visurb - Grupo de Estudos Visuais e Urbanos da UNIFESP está organizando o Seminário Imagem, Pesquisa e Antropologia que tem por objetivo reunir os grupos, núcleos e laboratórios que atuam em pesquisas na área da antropologia da imagem e do som para discutir suas práticas de pesquisa a partir de uma reflexão sobre questões teóricas, epistemológicas e éticas que envolvem o uso da imagem no âmbito da pesquisa antropológica. O evento acontece nos dias 04 a 08 de novembro, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP.

Programação

Segunda-feira – 04 de novembro

16:00 – *Abertura da exposição fotográfica*

Andreas Valentim (curador)- "Rio Jovem" (Rio de Janeiro, 2013)
Sylvia Caiuby Novais e Isabel Medeiros - "Plástico do desenvolvimento" (Etiópia, 2013)
Visurb - Grupo de pesquisas visuais e urbanas - "Pimentas nos Olhos" (Guarulhos, 2011-2013)

17:30 – *Mostra de filmes*

Garra Xavante

Direção: Mauro Bruschi, Pelotas, 2013, 29 min.

Sinopse: O Grêmio Esportivo Brasil, equipe de futebol centenária da cidade de Pelotas-RS, é movido pelo ritmo da Garra Xavante, xaranga fundada na década de 80 por Vanderlei. Juntamente com outros componentes, ele conta essa história, seus lemas e dilemas, como a tragédia que vitimou toda a equipe em 2009. Aquém e além deste intervalo narrativo, a comunicação

musical entre os integrantes, os jogadores e torcedores revela saberes e paixões transmitidos, partilhados e disputados pela comunidade Xavante.

19:00 – *Conferência de abertura*

Slow research: mining the visual archive

Marcus Banks (Oxford University)

In this conference, I wish to explore the relationship between change, time, and photography with reference to my own research and that of others. Formal longitudinal research is rare in social anthropology, even more rare in visual anthropology, yet I want to argue for stepping back from the research 'coal-face' periodically, to reassess one's own visual archive, the photographs taken over the years as one visits and revisits a field site. In particular, I draw upon my own reappraisal of photographs I took over twenty years ago and in subsequent years in a small city in northern India.

Terça-feira – 05 de novembro

10:00 – *Mesa: Fotografia, Arte e Memória*

“Pensar por imagens” com Georges Didi-Huberman: algumas pistas reflexivas

Etienne Samain (GRIP/UNICAMP)

Tratar-se-á de explorar o campo das interrelações entre Antropologia, Imagens e Arte, focalizando algumas propostas traçadas por Georges Didi-Huberman em torno do "pensar por imagens". Com ele, abrir novos questionamentos sobre o 'trabalho' das imagens, a 'memória' das imagens, suas sobrevivências e 'ressurgências' no tempo dos homens.

O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia

Sylvia Caiuby Novaes (LISA e GRAVI/ USP)

A apresentação procura discutir o estatuto da fotografia por contraposição ao filme na pesquisa etnográfica. Etienne Samain publicou recentemente um livro com o título: “Como pensam as imagens” (Editora UNICAMP, 2012). Segundo este autor, imagens entram em comunicação e dialogam entre si. Por outro lado, creio que fotografias “fazem falar”, apesar de seu silêncio. Diferentemente do vídeo ou filme etnográfico, que vem sendo cada vez mais utilizado em pesquisas, as fotos permanecem mudas. Talvez por isso mesmo as fotografias venham sendo menos utilizadas do que os filmes na antropologia, que permanece, como dizia Mead nos anos 70, uma disciplina de palavras. Procuo retomar na apresentação uma experiência recente com alunos de graduação em Ciências Sociais: um curso, por mim ministrado, em que a fotografia se coloca como um excelente elemento para discutir a etnografia e as metodologias de pesquisa na antropologia, assim como diferentes escolas teóricas na disciplina. Para o curso os alunos deveriam apresentar uma etnografia visual utilizando no máximo 10 fotos. Este exercício foi repetido no curso por 5 vezes. Alguns resultados foram surpreendentes e gostaria de inclui-los nesta apresentação.

14:00 – *Mesa: Fotografias (des)centralizadas*

Cartografia de redes e fluxos: Imagens de moradores de bairros populares de Niterói, RJ

Ana Lucia Ferraz (Lab /UFF)

Pretendo apresentar os resultados parciais de uma investigação mediada pela produção de fotografia e vídeo com moradores de bairros populares, pensando sobre a questão da (in)visibilidade dos morros, cortiços e outras ocupações urbanas na cidade de Niterói, RJ. Configuro projetos de cidade que se tornam visíveis quando compreendemos as redes de sociabilidade e estratégias de relações estabelecidas por homens e mulheres que ocupam as ruas do bairro. Acompanhamos a trajetória de alguns indivíduos, moradores

do bairro que alternam entre viver na praça e alugar um cômodo pequeno na ocupação. A compreensão das relações que mantém as posições ali estruturadas se configura ao mesmo tempo que a experimentação da linguagem suficiente para transmitir a experiência etnográfica.

Bairro dos Pimentas: fotografias e biografias na experiência de viver e inventar um bairro

Andréa Barbosa (VISURB/UNIFESP)

Esta pesquisa, financiada por meio do auxílio Jovem Pesquisador da FAPESP, objetiva perceber os fluxos das identidades e alteridades criados na relação entre São Paulo e Guarulhos e, mais especificamente, as identidades e alteridades construídas pelos jovens moradores de um bairro “periférico” de Guarulhos – O Bairro dos Pimentas na sua dupla relação com Guarulhos e com São Paulo. Questões como relações identitárias deslizantes e leitura do espaço periférico de forma a significá-lo como centro produtor de cultura e não periferia da produção central são fundamentais nesta pesquisa. O que significa morar nesses bairros situados socialmente e simbolicamente na zona periférica da metrópole em questão? Qual o significado destas fronteiras? Quais as identidades possíveis de serem construídas neste contexto? Todo o processo etnográfico foi realizado com e a partir da produção conjunta de imagens fotográficas, pois para nós, este é uma possibilidade que se abre para a construção do conhecimento antropológico onde podemos tornar visíveis e conscientes certas conexões nem sempre claras. Podemos deixar ver o que não se pode dizer.

Notas etnográficas sobre o retrato em uma experiência de produção compartilhada das imagens na Vila Jardim, Porto Alegre, RS

Fernanda Rechemberg (AVAL/UFAL)

Este trabalho apresenta reflexões sobre o retrato fotográfico a partir de dados etnográficos oriundos da pesquisa antropológica intitulada “Imagens e trajetos revelados: estudo antropológico sobre fotografia, memória e a circulação das imagens junto a famílias negras em Porto Alegre, RS” apresentada como tese de doutorado junto ao PPGAS/UFRGS em 2012. A partir de uma ação propositiva de produção de retratos fotográficos

individuais e familiares no bairro Vila Jardim no ano de 2010, esta pesquisa proporcionou a investigação de um campo de produção de sentidos no qual o retrato é um campo privilegiado para o estudo da memória e das aspirações ao devir que a pose projeta ao futuro. O retrato, como prática cultural que acolhe as representações de si, é uma dessas “formas de ver” (Grimshaw, 2001) ambíguas, que desafiam as fronteiras entre o documental e o ficcional, embaralhando as subjetividades daquele que fotografa e do que é fotografado. Nesta prática, em que a pose constrói uma imagem convocada, e não capturada (Dubois, 1993; Sontag, 2004) o caráter predatório da fotografia é redimensionado, na medida em que possibilita ao sujeito retratado adicionar algo a si próprio e rever suas diversas aparências (MacDougall, 2006). O reconhecimento da existência de um “código de visualidade” dos sujeitos fotografados (Martins, 2008) proporcionou, nesta pesquisa, um exercício de desvendamento das condições de vida, dos estigmas, da memória e dos laços de pertencimentos, na medida em que estes sujeitos compartilham de uma cultura visual e nela inscrevem suas experiências cotidianas, suas trajetórias biográficas e o “ethos” particular de suas pertencas territoriais, religiosas e étnicas.

16:00 – *Painel: Possibilidades epistemológicas da imagem 1*
Debatedor: **Edgar Teodoro da Cunha (UNESP)**

“Vende-se Pequi”, um filme compartilhado com os Manoki
André Neves (USP)

O filme “Vende-se Pequi”, de 24 minutos, direção de André Luís Lopes Neves e João Paulo Kayoli é uma produção compartilhada entre realizadores indígenas e não indígenas e foi realizado em um processo de oficinas de vídeo. A edição aconteceu na aldeia e posteriormente passou por uma finalização no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da Universidade de São Paulo. A montagem realizada na parte final do filme sugere uma analogia entre uma narrativa mítica sobre a incorporação do pequi na dieta nativa e a venda desse fruto para os não indígenas da região: ambos são processos de apropriação de elementos externos desses Outros, sejam eles animais míticos ou “brancos” da cidade. As relações com essas

figuras de alteridade, conforme o próprio mito descreve, costumam ser perpassadas por tensões, cuidados e pela sagacidade necessária para lidar com dimensões ou situações até então desconhecidas.

Terrorismo poético - L.R.F.

Bárbara Moraes (UFF)

A pesquisa se apresenta como um experimento em Antropologia do Cinema, tomando obra de Luiz Rosemberg Filho e se propõe a analisar dois curtas-metragens realizados em 2013 que dialogam entre si e se complementam “Sobre o conceito de espetáculo” e “Linguagem”, tendo como estímulo teórico as seguintes referências: Guy Debord e seu clássico livro “A sociedade do espetáculo” e a despasteurização das imagens. A partir das questões que os filmes mobilizam, é possível estabelecer diálogos com as referências do autor no processo de criação artística e sua crítica ao poder representativo da imagem. Diversas camadas de interpretação possibilitam fazer o julgamento de “bom” ou “ruim” de toda e qualquer obra de arte, todavia o que está em questão é um terrorismo poético com o intuito de provocar a reflexão e o pensamento.

A realização de um documentário enquanto experiência etnográfica: o caso do filme “Estreias”

Bianca Salles Pires (UFF)

O documentário *ESTREIAS* (2013) faz parte da pesquisa desenvolvida para realização da dissertação de mestrado “Público de cinema em foco: Um olhar acerca das salas de exibição do bairro de Botafogo e seus frequentadores” (2013), que teve como objeto de estudo o público de cinema e das práticas culturais, analisado a partir de suas frequências a três espaços de cinema na cidade do Rio de Janeiro que se encontram geograficamente próximos, mas que são comumente classificados, pelas mídias, representantes dos cinemas e por seus frequentadores, como pertencentes a circuitos de exibição distintos. Tal iniciativa vem ao encontro

dos trabalhos desenvolvidos pelo NECTAR (Núcleo de estudos cidadania, trabalho e arte – UFF) a partir da formação e fomentação de investigadores que utilizem recursos audiovisuais como materiais de suas pesquisas.

Possibilidades de uma antropologia visual compartilhada: notas sobre a construção de documentários etnográficos

Fernando Firmo (UFBA)

A proposta é discutir o que chamo de uma antropologia visual compartilhada, tomando como caso etnográfico a construção de documentários em meus campos de pesquisa, que são: *Terra do Aço* (2012) – documento visual coletivo produzido juntamente com antigos operários do aço de Timóteo-MG, que busca construir uma narrativa valorizando a importância histórica da cidade industrial em que esses vivem no intuito de mobilizar a construção de um museu operário – e um trabalho recente na Baía de Todos os Santos-BA onde o objetivo é a sensibilização para a necessidade de tombamento do patrimônio imaterial local. Em ambas as situações o que está em jogo é a possibilidade de se fazer uma antropologia visual compartilhada, capaz de contribuir para a valorização cultural local e diminuir a distância entre “nós” e os grupos que pesquisamos.

Conhecimento tradicional e o caso “copyright by kadiwéu”: modos outros de pensar e fazer

Maria Duran (USP)

Esta proposta busca identificar quais os sentidos que o conhecimento tradicional adquire para os Kadiwéu, enquanto conceito em construção, tendo em vista o caso “Copyright by Kadiwéu”. Este episódio envolveu um acordo de concessão de direitos de propriedade intelectual aos desenhos Kadiwéu reproduzidos nas fachadas de 3.200 prédios na Berlim Oriental, devido a um conjunto de reformas ocorridas em 1998. O objetivo geral do projeto é encontrar explicações sobre como se deram as intervenções da propriedade intelectual e do patrimônio cultural para a formulação dos sentidos do conhecimento tradicional entre os Kadiwéu, tendo em vista a

negociação e efetivação deste pacto. A arte, alvo desta intersecção “estranha”, é produtora de corpos e pessoas, e num contexto como o do acordo, foi denominada “Arte abstrata” e não mais “Artesanato”. Isto posto, procuramos refletir neste projeto como se relacionam tais ideias, a valorização do saber vindo da tradição de pintar, vindo das relações comerciais, vindo dos interesses de pesquisadores neste tema e a (des) (re) valorização do saber fruto do modo de vida, de conectar-se com o “outro”, portanto, dentro dos regimes de conhecimento.

Produção imagética no contexto ameríndio: reflexões antropológicas.

Rafaela Soldan (UFSCAR)

Este artigo se apresenta enquanto um ensaio ou prelúdio a uma pesquisa ainda a se desenvolver entre os Xikrin do Bacajá, grupo Mebengokré (Jê) localizado no sudoeste do Pará, com a qual se pretende realizar a produção colaborativa e coletiva de um filme dirigido e protagonizado pelas crianças Xikrin. O presente trabalho busca, através de uma pesquisa bibliográfica, sobretudo em trabalhos etnográficos no campo da antropologia visual e etnologia brasileira, cruzar diferentes perspectivas antropológicas acerca da análise de imagens bem como sobre os processos de fabricação e produção destas. Ao mesmo tempo, empreende discutir como são construídos e quais são os mecanismos que legitimam tais imagens enquanto enunciados antropológicos, a fim de problematizar a produção imagética no contexto ameríndio, em especial ao que tange o universo da criança indígena.

17:30 – *Mostra de filmes*

Akratas

Direção: Camile Vergara, Pelotas, 2013, 16 min.

Sinopse: Vídeo etnográfico sobre o universo do coletivo Cirko Akrata, uma companhia de teatro que mescla as artes do circo com números de Freak Show. Aqui os artistas contam um pouco sobre seus anseios e desejos ligados à Anarquia e à crítica ao sistema em que vivemos. As cenas

chocantes dos espetáculos são um convite ao telespectador para a desconstrução moral do corpo e da dor.

Amores de circo

Direção Ana Lúcia Ferraz, São Paulo, 2009, 30 min.

Sinopse: Uma Companhia de circo chega a uma pacata cidade do interior. A família circense vive o seu cotidiano enquanto os habitantes da cidade se encantam com o mundo do circo. As relações do circo com os habitantes da cidade e os temas do casamento e do adultério, presentes na dramaturgia circense, são revividos para a etnificação que encena histórias vividas ou imaginadas pelas artistas circenses.

Lovely

Direção: Alex Mountfort, Andrea D'Amato, Carlos Santana, Felipe Ventura, Henrique Ventura, Marcela Vasco, Marina Carbonell, Patricia Mattos, Renata Baboni, Rodinei Coli e Thomas Setin Teresa, São Paulo, 2012, 14 min.

Sinopse: O percurso poético de Lovely, uma mulher africana que parte para o desconhecido em busca de um novo começo. Nas canções o ponto de partida é o mesmo da chegada: elas começam e terminam com a mesma nota.

Missi

Direção Lays Lins Calisto, Maceió, 2013, 7min.

Sinopse: Missi é um filme etnográfico sobre uma mulher que atravessa momentos de ausência de seu companheiro ao ritmo das marés e as fases da lua por conta de seu ofício de pescador. A partir da narrativa da personagem vão se tecendo diálogos com o espaço habitado por ela, os moradores que entram em cena e o mar vão nos guiar nos acontecimentos e desacontecimentos do lugar.

Em (si) mesma

Direção Andréa Barbosa, São Paulo, 2006, 26 min.

Sinopse: Michele e Dalva são pacientes em desinternação progressiva do Manicômio Judiciário de Franco da Rocha em São Paulo, Brasil. Margarida é psicóloga na mesma instituição. Três mulheres ligadas pela fotografia, instrumento que sela uma relação de respeito e desejo pela vida. Prêmio Estímulo ao Curta metragem da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e Prêmio Especial da Associação Brasileira de Documentaristas no Festival Internacional do Filme Etnográfico do Rio de Janeiro.

Quarta-feira – 06 de novembro

10:00 – *Mesa: Produção de imagens em contextos interculturais*

Cineastas indígenas: autoria, subjetividade e interculturalidade Edgar Teodoro da Cunha (NAIP/UNESP)

A produção fílmica de autores indígenas tem trazido novidades, no Brasil, quanto aos seus aspectos formais e narrativos. Recentemente, um conjunto de filmes de autores formado no projeto Vídeo nas Aldeias, tem trazido à luz filmes não apenas centrados na construção de um nós coletivo, cultural, marca de boa parte dos filmes de autoria indígena anteriores. Agora trazem sujeitos indígenas construídos nos filmes em suas singularidades, em seu cotidiano, como personalidades que operam dentro de um contexto cultural específico, criando novas possibilidades de leitura e de engajamento a espectadores em contextos interculturais.

Reflexões sobre o cinema indígena brasileiro e o ciberindigenismo Paula Morgado (LISA/USP)

Partindo de algumas experiências fílmicas indígenas brasileiras recentes, é possível traçar os contornos da circulação de tais imagens na contemporaneidade de uma perspectiva indígena. Em que medida tais produtores indígenas estão se apropriando dos meios acessíveis na Internet para circularem suas produções audiovisuais? Quais dificuldades vem encontrando e que tipo de protagonismo está se configurando?

14:00 – *Mesa: Imagem e pesquisa social*

Contribuições imagéticas em três inventários nacionais
Cláudia Turra Magni - (LEPPAIS/UFPel)

Desde 2003, difundem-se em todo o Brasil, os Inventários Nacionais de Referências Culturais (INRC), baseados em metodologia criada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), visando o registro e a salvaguarda do patrimônio imaterial da nação. O ponto de convergência deste paper são os desafios, as condições práticas e contribuições heurísticas dos recursos imagéticos empregados em três destes Inventários: o INRC Massacre de Porongos (2004-2007, desenvolvido na UFRGS/Porto Alegre, sob coordenação da Dr^a. Daisy Barcellos), o INRC Produção de Doces Tradicionais Pelotenses (2006-2008) e do INRC Lidas Campeiras (2011-2013) – ambos coordenados pela Dr^a Flávia Rieth, na UFPel/Pelotas. A assessoria em imagem e realização dos produtos audiovisuais e visuais desses Inventários integra algumas das experiências desenvolvidas junto ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som/LEPPAIS, integrante do Programa de Pós-Graduação e o Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, desde 2008.

Filme etnográfico e antropologia compartilhada - experiências nas periferias de São Paulo
Rose Satiko Hikiji (GRAVI/USP)

Esta comunicação discute experiências recentes de produção audiovisual com base etnográfica com jovens artistas moradores da periferia de São Paulo, Brasil. A produção dos filmes “Cinema de Quebrada”, “Lá do Leste” e “A arte e a rua”, assim como do livro “Lá do Leste – Uma etnografia audiovisual compartilhada”, é analisada tendo por base discussões do campo da antropologia visual e do cinema documental. A proposta de Jean Rouch de uma Antropologia Compartilhada é o ponto de partida destes projetos de realização audiovisual. O acesso às novas tecnologias e às redes sociais na world wide web traz novas possibilidades para este projeto rouchiano, que foram experimentadas nas produções que serão aqui discutidas.

16:00 – *Painel: Enquadramentos do cotidiano*
Debatedor: Fernanda Rechemberg (UFAL)

Materialidade fotográfica e cultura visual amadora: São Paulo - 1920-1960

Alexandre Bispo (USP)

Tradicionalmente usada para ilustrar textos em função dos conteúdos expressos na imagem, a fotografia, contudo, ultrapassa essa dimensão ilustrativa quando considerada enquanto objeto material. Tomada nesta, a materialidade passa a ser para o analista que trabalha com cultura visual, parte integrante da imagem fotográfica, sem a qual ela não existiria. Meu objetivo nesta comunicação é apresentar um conjunto de fotografias amadoras produzidas entre 1920-1960 em São Paulo, como objetos materiais. Trata-se de demonstrar as potencialidades dessa metodologia ainda pouco explorada que considera o aspecto físico do artefato fotográfico como componente da informação visual. Assim as marcas do uso, as dobras e anotações são parte integrante da leitura da imagem. A materialidade da foto possibilita compreender também sua movimentação em um circuito de trocas afetivas que aproximam familiares e amigos espacial e temporalmente distantes.

Espaço, corpo e política nas realizações do teatro de grupo paulistano.

Carolina Abreu (USP)

Atravessando o campo das discussões sobre arte e política, ética e estética, a pesquisa aborda as realizações do teatro de grupo paulistano com o intuito de constituir formas cooperativas de produção de conhecimento. Neste caminho, explora o potencial crítico do audiovisual na produção antropológica através da realização de uma trilogia fílmica. A partir de uma perspectiva inspirada pelos textos de Walter Benjamin e o trabalho de Jean Rouch, esta pesquisa busca experimentar as possibilidades críticas da produção fílmica na direção de desenvolver diálogos entre teatro, cinema e antropologia.

O culto ao corpo: notas sobre a relação entre moda e a aparência no Brasil

Carolina Pitanga (UFMA)

Tomando como objeto de análise os elementos visuais dos editoriais de moda publicados recentemente pela Revista Vogue Brasil, a veiculação de um tipo de corpo feminino idealizado e reproduzido pela revista, considerando que o fenômeno da moda está ligado não só às mudanças sazonais no vestuário, mas também à imposição de padrões de beleza aos corpos que se tornam, constantemente, submetidos aos discursos sobre saúde e aparência. Nesse sentido, evidencio de que forma os meios de comunicação servem como referência ditando determinados padrões corporais de aparência, baseados em noções de sensualidade e felicidade. Sendo assim, ao evidenciar a relação direta entre moda e aparência, destaco a necessidade de perceber, primeiramente, o processo histórico de desenvolvimento da indústria da moda produzida no Brasil, indicando algumas especificidades e características, e, em seguida, faço uma análise sobre a construção de um tipo ideal de corpo feminino, pautado por exigências e padrões de beleza que, por sua vez, são reproduzidos nas imagens contidas nos editoriais de moda publicados pela revista em questão. Assim a análise visual dessas editorias, torna possível compreender

a relação entre moda-aparência-consumo e a esfera de atuação da moda enquanto um fenômeno articulador de elementos tanto na esfera global como local.

Imágenes, escuela y antropología. Pistas posibles para una relación emergente (?)

Diego Moreiras (CONICET)

El presente trabajo comparte algunos de los resultados de la tesis de maestría en Investigación Educativa del Centro de Estudios Avanzados (CEA) de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina. El objetivo de la misma consiste en dar cuenta de las reflexiones teórico-metodológicas que dieron lugar al trabajo con fotografías en una escuela de nivel secundario de la modalidad de jóvenes y adultos, en un centro educativo público y nocturno de la ciudad de Córdoba. La metodología de trabajo puede encuadrarse dentro de la antropología visual, en tanto la investigación está fundada en un conjunto de imágenes producidas por las y los estudiantes, en las que buscan dar cuenta de su *experiencia en la escuela* en tanto estudiantes en la modalidad. Puede considerarse que la tesis se construye también a partir de un enfoque transdisciplinario para el análisis de las imágenes, a partir del cual la estrategia metodológica se complejiza con aportes desde el campo de la semiótica y los estudios en comunicación.

Retratos de infância de pessoas trans*: a fotografia como foco da pesquisa antropológica

Marcela Vasco (UNIFESP)

A fotografia transforma o sujeito em objeto, ou seja, passível de ser fotografado. Tirar uma foto de alguém é tirar sua imagem, aprisioná-la no filme e, através da impressão, transformá-la em um objeto pertencente ao mundo apreensível. Além de objeto sensível, ela pode ser entendida ainda enquanto o resquício material de uma imagem passada. Barthes afirma que “na Fotografia jamais posso negar que *a coisa esteve lá*” (BARTHES, 1984, p. 115). Nesse sentido, o retrato de infância de uma pessoa transgênera, além de apreender seu universo sensível e oferecer-se à evocação da

memória da experiência vivida, é exatamente o resquício material que representa o pertencimento a uma categoria de gênero da qual foi preciso superar através de uma transformação corporal marginalizada e muitas vezes traumática. Diante do retrato, é impossível negar a existência desse passado. Dessa forma, o presente trabalho busca levantar as problemáticas relativas à pesquisa antropológica com fotografias de infância de transgêneros, propondo encará-las não só como um documento histórico, mas enquanto um importante caminho etnográfico de evocação da memória, de apreensão do sensível e de mediação das relações em campo.

Todos os Dias São Domingos

Pedro Gradella (UFF)

O bairro que procuraremos transcriar é onde se trabalha por vezes também onde se mora. Porém esse espaço, o do trabalho, é um espaço liminar, entre o lugar do trabalhador, onde talvez a maior parte de sua vida se construa povoado por fotos, objetos pessoais coisas normalmente ligados ao espaço da casa, do universo particular, individual e a rua, o bairro, com sua vivência coletiva comunitária. Seguiremos pelo registro e demonstração dos saberes laborais e pelas memórias de vivências pessoais e coletivas, no viver pensar e sentir o bairro do trabalho. Tecer as imagens, histórias como um alfaiate, cortar dando forma como um barbeiro, presentificar um objeto do passado como um sapateiro, imprimir em metal algo fugidio como lembranças como uma artesã.

A escolha desses personagens como ponto de partida se dá pelo caráter artesanal de seu labor, e o vídeo e site como suportes se dão pelos efeitos da chamada virada digital que retoma o artesanal na produção fílmica, tornando-a mais intuitiva.

17:30 – *Mostra de filmes*

Círculo de fogo

Direção: Francirosy Ferreira, Ribeirão Preto, 2013, 28 min.

Sinopse: Círculo de Fogo nasceu do meu olhar de viajante que descobre cores, cheiros, costumes, tudo ao mesmo tempo. No mês do Ramadan de 2012 estive em Istambul e Konya na Turquia a convite da Universidade de Mevlana. Esses dez dias intensos em casas de amigos muçulmanos pude experienciar os costumes turco-islâmico, participar do Iftar (quebra de jejum), das rezas com mulheres, das conversas em família, e das cerimônias religiosas. O vídeo mostra um pouco do universo Sufi (linha mística do Islã), que embora proibido na Turquia, ainda resiste e encanta os visitantes. Temas como o uso do véu, religiosidade são apresentados, a partir da descoberta do meu olhar sobre este universo novo e encantador.

Mbaraká

Direção: Edgar Teodoro da Cunha, Brasil, 2011, 26 min.

Sinopse: O filme aborda o universo dos cantos Kaiowá por meio dos aspectos performáticos da palavra, da sonoridade, do gesto, da dimensão onírica e de volição mobilizada pelo canto. Se a palavra pode ser história, mito e narrativa, ela sem dúvida também é poesia, e seus aspectos estéticos são parte integrante de sua eficácia. Dessa forma o filme parte dos aspectos poéticos da palavra Kaiowá buscando a criação de uma dimensão visual, de uma poética própria que dialogue com a palavra Kaiowá em sua pluralidade expressiva.

Massai

Director(s): Daniel ole Mpatiany, Noah Meoli ole Kaai, Sasine ole Neboo, Noolarami enole Kapirotoi, Kuntayo ole Kirrokor, Debra Senoi enole Kaigil, Moses Simel ole Rarin, Alex ole Koshal, Otumoi ole Keeko, Daniel ole Mpatiany, Nickson ole Kirrokor, Benson Molonko, ole Kirrokor, Denis Sasine ole Lenjir, Sabaya ole Mpatiany, Emily Soipanoi enole Kapirotoi, Míton ole Kirrokor, Stanley ole Neboo. Kenya/USA, 2011, 10 min.

Synopsis: Shot under heavy unseasonal rains in what would have been normally a dry season, Maasai Voices on Climate Change (and other changes, too) (2011) is a short documentary (10 minutes) collaboratively created by young Maasai pastoralists of both genders from the Maasai

Mara, Kenya, about their perspectives on climate change. However, it turns out that it is not only seasons that are changing on their land...

Procurando o sono

Direção: Renato Monteiro Athias, Amazonas, 2011, 26 min.

Sinopse: O filme mostra uma performance representando o mito da Criação da Noite por Irapiriculi o herói Baniwa e Kuripako. Essa performance foi organizada e executada pelos alunos do curso de licenciatura intercultural na aldeia Tunuí, no Rio Içana, bacia do Rio Negro.

Quinta-feira – 07 de novembro

10:00 – *Mesa: Outras paisagens*

Cartografias poéticas de um arquivo de imagem

Fabiana Bruno (UNICAMP)

Esta comunicação reúne estudos e, sobretudo, interrogações acerca de um arquivo de imagens, a partir do reconhecimento de seu território, atmosfera de sentidos e saberes constituídos essencialmente no campo da antropologia e da poética da imagem. Examinando um arquivo de fotografias de índios Kamayurá, produzido pelo antropólogo e epistemólogo da comunicação, Etienne Samain, no Alto Xingu, entre os anos de 1977 e 1978, e contando com o aporte de autores, em especial de Georges Didi-Huberman, o presente estudo – mediado por experiências metodológicas orquestradas em cinco atos: o precedente, a abertura, a escolha e a devolução da imagem do arquivo ao mundo – lança questões e ousa encontrar ‘chaves’ para o entendimento de uma possível arqueologia do arquivo e suas dobras de tempo, em conexão com a poética humana que aponta para os seus silêncios, saberes e intermitências.

Esta pesquisa desenvolvida no âmbito de um pós-doutoramento pela ECA-USP (Fapesp) e dedica especial atenção ao fomento de um trabalho

metodológico com o intuito de oferecer contribuições para o ato de ‘descobrir’ um arquivo e desdobrar suas imagens revelando como elas concorrerem, conduzem e constituem-se um saber.

Desenho etnográfico: uma experiência de ensino e antropologia.

Karina Kuschnir (LAU/UFRJ)

Neste trabalho busco explorar a contribuição do desenho e do ato de desenhar para a produção de conhecimento antropológico. As narrativas imagéticas tem sido parte do trabalho de campo etnográfico desde os seus primórdios. O desenho faz parte desse processo histórico, mas há muito perdeu espaço para o protagonismo dos registros fotográfico e fílmico. Não só os pesquisadores, mas a sociedade em geral deixou de ver o ato de desenhar como parte essencial de um processo de pesquisa, vide o declínio do exercício dessa técnica na trajetória educacional regular. Nesse trabalho, apresento os resultados de uma experiência de ensino chamada Laboratório de Antropologia e Desenho, que propõe o desenho como ferramenta central para a pesquisa etnográfica. Com alunos sem formação prévia na área, apresentamos o ato de desenhar como uma forma de conhecer o mundo. Através de oficinas práticas, as convenções em torno do desenho foram desconstruídas para, em seu lugar, re-encontrarmos novas formas narrativas capazes de evocar graficamente ideias, encontros, diálogos, observações e percepções sobre a vida social. Por meio desses exercícios, tratamos da formação dos pesquisadores aos dispositivos de diálogo e troca com o universo pesquisado, passando pelo processo de registro dos dados e da divulgação dos resultados. A experiência partiu da sala de aula para posteriormente explorar espaços na cidade do Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo o desafio de compreender a cidade e os múltiplos pontos de vista que se enfrentam no espaço urbano. Na análise do material produzido, buscamos enfrentar questões centrais para a prática da pesquisa antropológica, explorando as consequências, perguntas e soluções que emergem do ato de desenhar e construir narrativas gráficas no (e sobre o) trabalho de campo.

Som e Paisagem Sonora em Pesquisas Etnográficas

Viviane Vedana (BIEV/UFRGS)

Esta apresentação vai centrar-se na reflexão sobre o estudo do som e das paisagens sonoras na pesquisa antropológica. Observa-se, ao longo dos últimos 10 anos, um interesse crescente de antropólogos e cientistas sociais em estudar questões como: as relações entre as sonoridades do ambiente e as práticas sociais dos sujeitos; o entendimento da clássica relação entre natureza e cultura a partir da escuta; os jogos da memória e o tema do patrimônio cultural imaterial em termos de paisagens sonoras das cidades, entre diversos outros temas. Sem investir em uma ênfase na dicotomia entre visão e audição – ou na ideia de uma cultura visual que se sobrepõem a uma cultura aurál – objetiva-se considerar qual o tratamento dado ao som como fenômeno da experiência antropológica partindo das pesquisas em etnografia sonora realizadas no núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Para tanto, apresentaremos algumas produções sonoras do núcleo, em especial os últimos DVDs interativos produzidos no âmbito do projeto Trabalho e Cidade: estudo antropológico da memória do trabalho na cidade contemporânea.

14:00 – *Mesa: Imagens e práticas de pesquisa*

Imagens e Islã: reflexões sobre a produção de imagens em contextos islâmicos

Francirosy Campos Barbosa Ferreira (FFCLRP /USP)

A proposta desta comunicação é apresentar algumas reflexões que venho construindo há 15 anos de pesquisa em comunidades islâmicas (árabe, brasileira, africana, turca), quando se trata da produção e análise de imagens. No Islã há restrições ao uso de imagem. Este dado me fez produzir uma dissertação de mestrado no qual as fotografias era o centro da discussão. Qual é o estatuto da fotografia na religião? Depois com a produção dos documentários outras questões foram aparecendo, assim como a produção de um site, blog. Todo este universo imagético foi/é fundamental para o diálogo que venho tendo com a comunidade atualmente. Cabe uma reflexão sobre método etnográfico, sobre antropologia pós-moderna e antropologia compartilhada.

Kambô sob a Lente Etnográfica

Silvia A. C. Martins (AVAL/UFAL)

Kambô... a vacina do sapo (2009, duração 21':28") e Kambô... xamãs urbanos (2012, duração 13':38") foram filmes realizados através de dados obtidos durante a realização de uma pesquisa etnográfica sobre xamanismo urbano. Associada às práticas ritualísticas religiosas do uso do enteógeno ayahuasca, a secreção da rã *Phylomedusa bicolor*, cuja substância é conhecida como kambô, é uma prática médica presente em grupos indígenas amazônicos e tem se expandido para contextos urbanos e ayahuasqueiros. Discuto, então, a etnograficidade das imagens fílmicas utilizadas nesses filmes que consistem representações sobre o uso ritual dessa substância (kambô). São filmes etnográficos que contêm abordagens a partir de explicações nativas e sob a perspectiva de práticas e discursos de especialistas urbanos. Assim, significados evocados nessas produções são focalizados viabilizando uma compreensão sobre como essa prática médica xamanística é representada enquanto um tipo de conhecimento de interesse etnográfico.

16:00 – *Painel: O social e suas imagens*

Debatedor: Francirosy Campos Barbosa Ferreira (USP)

A exibição de bebidas alcoólicas nos filmes brasileiros

Denise Martin, Isis Marafanti, Lilian Ratto e Maria Carolina Pinheiro (UNIFESP/Santa Casa)

A associação entre o uso do álcool com bem estar, sensualidade, prazer e emoções intensas, promovido pelo cinema é um poderoso estímulo para o consumo, especialmente no que concerne ao público jovem. Trata-se de um estudo descritivo que avaliou a exposição de cenas associadas ao álcool nos dez filmes brasileiros com maior bilheteria no cinema segundo a agência nacional de cinema até a data de Janeiro de 2012. O estudo encontrou como resultado que 9 entre 10 dos filmes mostram alguma representação sobre o álcool, sendo que a cerveja predomina como a bebida mais exposta. O

álcool parece estar associado as mais diversas situações tais como comemorações, situações prazerosas e situações de conflitos emocionais. Ressalta-se ainda que 4 dos filmes de maior bilheteria são destinados ao público jovem e crianças (do grupo “Trapalhões”) e que destes apenas um não possuía cenas com referência ao álcool. O presente trabalho analisa a caracterização da cultura de uso em nosso país, como também a avaliação da influência da propaganda inserida nos filmes brasileiros e sua influência sobre a população.

Memória e Tecnologia Social. Oficinas de produção de imagens entre moradores de bairros populares de Niterói – RJ

Diogo Campos (UFF)

A Ocupação Cultural Mama África compõe-se em grande parte de mulheres negras, criadas pelo Estado em uma rede de instituições de assistência social para infância e adolescência da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Viveram muitas transferências de instituições que implicaram em separações. Ao completarem a maioridade são obrigadas a deixar a instituição, indo viver nas ruas. Encontrando-se ao longo da vida na rua agregam-se em uma Ocupação Urbana e após quase vinte anos criam seus filhos e filhas em redes solidariedade e transmissão de saberes marginalizados a serem reconhecidos como legítimos.

O projeto de pesquisa Memória e Tecnologia Social: Oficinas de vídeo e fotografia entre moradores de bairros populares localizados no entorno da UFF em Niterói visa trabalhar com as narrativas das mulheres que constituem a Ocupação Cultural Mama África propondo um olhar sobre suas biografias a partir da proposição da realização de um filme etnográfico.

Articulações entre memória e narrativa no filme *Edifício Master* de Eduardo Coutinho

Erika Paula (UNIFESP)

Esse trabalho trata da maneira como as personagens do documentário “*Edifício Master*” de Eduardo Coutinho articulam as suas memórias em narrativas na produção de um projeto de vida, conceito esse que foi elaborado por Gilberto Velho. Pois, quando somos narradores de nossa própria história recorreremos à memória como algo que possa dar sentido à nossas escolhas. Esse processo envolve a articulação do nosso presente com o nosso passado na elaboração de um projeto. Com base nas teorias de Erving Goffman foi desenvolvida uma reflexão a respeito de como as personagens (atores sociais) de “*Edifício Master*” estão atentos às impressões que causam nos outros e às manifestações de expectativas destes. Além disso, foi analisado como essas personagens reconstruem simbolicamente Copacabana suscitando ao mesmo tempo questões referentes à vida na metrópole. Nesse sentido, procurou-se entender como as narrativas das personagens do documentário “*Edifício Master*” são construídas, como elas mobilizam e gerenciam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido conforme a possibilidade de pensar o presente e o futuro.

Entre histórias de vida e equipamentos audiovisuais: registros de uma pesquisa na guariroba/DF

Hugo Vale (UNB)

Neste trabalho me proponho a relatar a experiência de realização coletiva de um documentário etnográfico entre moradores da Guariroba/DF diagnosticados com diabetes mellitus e hipertensão arterial sistêmica. Adentramos 22 casas buscando conhecer os modos pelos quais tais pessoas conviviam com essas doenças e quais as especificidades desse convívio ocorrer na região em questão. Entre as diversas narrativas que pudemos apreciar, algumas nos chamaram mais atenção. Motivados pela minha experiência no IRIS – Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais (DAN/UnB) – decidimos registrar algumas destas histórias e produzir um componente audiovisual de nossa pesquisa. Nesta abordagem, busco, por um lado, inventariar as diversas etapas, já concluídas ou em andamento, de produção do filme, bem como métodos e técnicas que as

compuseram. Por outro, objetivo revisitar algumas discussões no campo da antropologia visual a partir da apresentação de pequenos registros audiovisuais.

Feitura de santo – uma narrativa artística e foto-etnográfica sob uma iniciação no candomblé

Larissa Fontes (UFAL)

Esta pesquisa se trata de um registro etnográfico do ritual de *Feitura de Santo* - como é denominado o ritual de iniciação no candomblé - em um terreiro de nação *Angola-Jêje-Mahin-Vodun Daomé*, em Maceió – AL. O ritual de iniciação é um ritual secreto, inacessível aos não adeptos e, em alguns casos, somente permitido a indivíduos situados em escalas mais altas da hierarquia religiosa da casa. É o ritual mais importante da vida religiosa candomblecista e sob o qual está o maior nível de segredo ritual. O ensaio foi fotografado com uma lente 50mm e posteriormente passado para p&b em edição em Photoshop. Proponho uma aproximação do sagrado a partir de imagens compostas com olhar artístico e narrativo, bem como o conhecimento do objeto de estudo para compreensão e construção do olhar fotográfico. Tomo a fotografia como ferramenta complementar da etnografia, uma modalidade investigativa que torna o texto visual um documento de primeira grandeza. A partir deste trabalho, também me proponho a discutir a questão do segredo ritual numa perspectiva das negociações tecidas entre pesquisadores e religiosos no que tange às documentações fotográficas e fílmicas, envolvendo discussões sobre ética e memória.

17:30 – *Mostra de filmes*

Escutando o Coração das coisas

Direção: Sílvia A. C. Martins, Japaratinga, 2010, 24 min.

Sinopse: Etnografia visual a partir de workshop realizado pelo psiquiatra terapeuta suíço Samuel Widmer que explica sobre uso de substâncias psicoativas em grupo e também informa sobre sua experiência com

ayahuasca. São exibidas cenas de ritual do Essência Divina realizado a partir da solicitação de Widmer que contou também com a presença de índios Wassú (Joaquim Gomes, Alagoas). Assim, índios, suíços e adeptos do Essência Divina participam de ritual realizado em Japaratinga, Alagoas.

Hans saudando Ogum

Direção: Sílvia A. C. Martins, N. Friburgo, 2012, 4 min.

Sinopse: Esse filme foi realizado a partir da pesquisa de campo realizada sobre uma vinda de comitiva holandesa à Igreja Flor da Montanha, em Lumiar, Rio de Janeiro. Hans Bogers é um dos responsáveis pela legalização do Santo Daime na Holanda e tem uma relação próxima com a Madrinha Baixinha, considerada sua mãe espiritual. Nesse poético filme, Hans participa de uma gira realizada na Flor da Montanha e saúda Ogum, seu Orixá. Flor da Montanha é um espaço muito especial por consagrarem ayahuasca em rituais de Umbanda.

Tribo Planetária

Direção: Carolina Abreu, Ilha D'Ajuda, 2011, 36 min.

Sinopse: O filme compõe um ensaio audiovisual sobre a experiência das festas de música eletrônica – as raves – no Brasil e sua celebração de uma “tribo” que atravessa fronteiras nacionais. Realizado durante o festival Universo Paralello, que tomou lugar na paradisíaca Ilha D'Ajuda (BA) para o réveillon de 2010, trata das interações entre os ravers e os indígenas que foram especialmente convidados para o evento. Através da justaposição de espetáculo e ritual, a festa tecnológica revela utopias, esperanças e tensões.

Sexta-feira – 08 de novembro

10:00 – *Sessão painel: Imagens da cidade e seus personagens*

Debate: **Karina Kuschnir (UFRJ)**

São Paulo: sociologia, cinema e memória.

Fernando Filho (UNIFESP)

O objetivo principal da pesquisa é aproximar e trazer dentro das dimensões previstas para uma pesquisa de Iniciação Científica, as discussões de fundo teórico e metodológico sobre a relação entre imagem, sociabilidade contemporânea, mundo urbano e política, partindo da análise de três filmes: São Paulo, sinfonia da metrópole (Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lusting, 1929), Simão, o caolho (Alberto Cavalcante, 1952) e São Paulo, S/A (Luiz Sérgio Person, 1965). Os três filmes analisados para esta pesquisa tem como característica comum a cidade de São Paulo como cenário privilegiado das filmagens. O objetivo é que através dos elementos estéticos e sociológicos presentes nas obras, buscar elementos que podem ajudar na compreensão do debate em torno das transformações urbanas das cidades e o impacto na construção das memórias individuais e coletivas do homem citadino. Para apresentação do painel será privilegiado o conceito de memória presente nas três obras ou em um dos filmes.

Grafite Hip Hop e processos de mobilização política entre jovens moradores do Bairro dos Pimentas, Guarulhos.

Paula Kakazu (UNIFESP)

Esta pesquisa investigou se o jovem morador da periferia, ao entrar em contato com o Hip Hop e com o grafite, ligado a este movimento cultural passa a se ver como sujeito político como afirmam muitos estudos sobre essa prática cultural. Nossa pesquisa terá como foco perceber se ocorre este processo de transformação política e social a partir da perspectiva de jovens moradores do Bairro dos Pimentas, Guarulhos. O grafite, diferente de outras práticas culturais do Hip Hop – como dança ou música em que as pessoas interessadas vão a um local específico onde irá ocorrer a prática para apreciá-la – a expressão se dá em espaço público, é para todos que passam pela cidade. Como proposta teórico-metodológica de investigação utilizei os termos “Projeto individual” e “Projeto social” de Gilberto Velho (1981) como chaves de entendimento deste processo.

Cidade em Disputa: Intervenção Urbana e Visibilidade Social

Pedro Ivo Silva (UFF)

A comunicação pretende discutir o trabalho com formas de intervenção urbana através das linguagens do grafite / *stencil*, fotografia e vídeo com os moradores de rua, de ocupações e dos morros em torno do Instituto de Artes e Comunicação Social – IACS e do campus do Gragoatá, em situação de vulnerabilidade social. A partir de minha atuação no Projeto de Extensão “Sociabilidades Urbanas e Comunicação Social: oficinas de vídeo entre moradores de bairros populares de Niterói”, experiência que deu origem ao trabalho de conclusão do bacharelado em Ciências Sociais “Projetos de cidade em disputa: intervenção urbana em diálogo com moradores de rua da Praça da Cantareira” criou-se um diálogo mediado pela produção imagética. O trabalho, desde seu início, esteve vinculado ao Laboratório do Filme Etnográfico/ICHF, e foi realizado em parceria com outros pesquisadores.

Otaku: um Sujeito entre Dois Mundos – um diálogo entre ficção e realidade

Victor Eiji (USP)

Os personagens centrais desta pesquisa são os *otaku*, que podem ser descritos como fãs aficionados por *mangás* e *animes*, que passam boa parte de seu tempo entretidos com estes elementos (além de alguns outros) da cultura pop japonesa. Esta pesquisa tem como foco a busca pela compreensão da relação existente entre *ficção* e *realidade* neste universo. Penso que as ficções atuam como “*espelhos*” – que refletem – e como “*espelhos mágicos*” – que transformam – ideias, emoções, sentimentos... experiências (para usar uma só palavra) pelas quais os sujeitos passam no decorrer de sua vida: eis a ideia que é a pedra-angular deste estudo. Parto da ideia de que as ficções não são simples produtos do contexto sociocultural no qual são produzidas: de fato são fruto deste contexto, porém na medida em que apresentam uma leitura, um modo de ver que extrapola os limites da realidade, elas podem ser vistas como um agente ativo, transformador,

como um agente que estimula a construção de novas percepções sobre o mundo que nos cerca.

A linguagem da pichação: uma análise etnográfica da produção de grafismos na cidade

Vinicius Azevedo (UFRJ)

O subprojeto em questão trata-se de uma pesquisa etnográfica realizada com grupos de pichadores que se reúnem nos subúrbios da Zona Norte da cidade. Com uma forma singular de significar a experiência na cidade, aliada a produção de um tipo específico de grafismo; os pichadores apresentam enigmas interessantes para análise através das ciências humanas. A metodologia deste trabalho consiste na realização de observação participante nas reuniões de pichadores, que ocorrem diariamente em pontos variados da cidade. Produção e coleta de material gráfico sobre o tema em questão e realização de entrevistas semiestruturadas com pichadores. Através desse material é possível analisar como o nativo em questão, dotado da simbologia obtida na carreira da pichação, altera em vários níveis a sua percepção sobre o ambiente urbano, iniciando um complexo processo de ressignificação de tudo aquilo que torna-se visível. Dotado desse novo conjunto de valores e simbolismos, o nativo inicia através desse tipo de grafismo, um intenso processo de exploração e diálogo com a cidade, gerando questões dos mais diversos níveis de complexidade.

14:00 – *Painel: Possibilidades epistemológicas da imagem 2*
Debatedor: Fabiana Bruno (UNICAMP)

Entre o Centro e a Avenida Paulista: os mapas e as imagens acionados na caracterização da rua gay de São Paulo

Bruno Puccineli (UNICAMP)

Fruto de pesquisa etnográfica produzida durante o mestrado focado na relação entre espaço urbano e sexualidade no caso da Rua Frei Caneca, em

São Paulo, esta apresentação trata de como a rua é produzida imageticamente a partir de dois recursos: fotos e mapas. No primeiro caso, quais imagens da cidade são acionadas e relacionadas a quais discursos? No segundo, de que forma as ruas, e a Rua Frei Caneca, surgem dentro da cidade, em mapas que se pretendem, ou não, fidedignos à distribuição dos logradouros? A pesquisa mostrou como a ideia generalizada de uma presença maciça de gays (genericamente tidos como homens brancos, de classe média e boa formação) informa os discursos produzidos pelas imagens e pelos mapas. Estes, em especial, acionam caminhos e caracterizações da cidade que enfatizam muitas vezes outras regiões, distantes do endereço citado, mostrando como lazer e requinte surgem como opções ao novo morador.

A linguagem do desenho no ensino de antropologia

Carlos Henrique (UFRJ)

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “Desenhando a cidade: um estudo etnográfico no Rio de Janeiro”, coordenado por Karina Kuschnir, no Laboratório de Antropologia Urbana (LAU) do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ. Constatando o uso do desenho como uma importante ferramenta de compreensão na pesquisa etnográfica, o objetivo foi desafiar os alunos a desenvolverem ferramentas para compreender a vida urbana por meio do desenho, propiciando uma nova forma de olhar e de registrar o cotidiano da cidade, de seus habitantes e de sua relação com o pesquisador-desenhador. Buscou-se contribuir, assim, para um aprofundamento metodológico do processo de “aprender a ver, desenhar e observar” como uma forma de conhecer, dissociando o desenho da ideia de “perfeição” e de “representação realista”. O desenho foi definido como um processo de observação que estimula o olhar e o registro na linguagem visual sobre o universo investigado, oferecendo também formas novas para abordar e dialogar com os habitantes da cidade. Como resultados esperados desta pesquisa, temos como meta desenvolver uma metodologia para um projeto de extensão.

Posso ler sua mão? Debate sobre a metodologia da antropologia visual e o uso da fotografia na etnografia e no trabalho de campo - tenda cigana espiritualista tzara ramirez

Cleiton Maia (UFRJ)

Para essa proposta proponho uma releitura do método de Malinowski e Margareth Mead para a utilização da fotografia em trabalhos antropológicos – com um breve debate na validade que a própria antropologia dá a essa ferramenta – e alguns autores mais contemporâneos como David Macdougall, Milton Guran, Álvaro Kassab e Etienne Samain que debateram e utilizaram essa ferramenta metodológica com propostas diferente, resultando em trabalhos que nos fazem repensar etnografia e o que seria trabalho de campo. E dentro dessa proposta de releitura de textos clássico e mais contemporâneos de antropologia visual, busco formular uma melhor combinação de método etnográfico visual para meu campo na Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez na região de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, onde um grupo de médiuns realiza trabalhos quinzenalmente. Desde sua fundação, os médiuns dessa tenda – apesar de pertencimento duplo em diversos segmentos religiosos – só incorporam nesse local as “entidades” de espíritos ciganos para desenvolver seus rituais e performances.

Da percepção à apropriação do ambiente: um estranhamento sobre o cotidiano

Gabriel Restiffe (USP)

O que busco mostrar com o presente ensaio fotográfico é, em sua base, de inspiração ingoldiana. Pensando nas formas de apropriação da natureza, bem como de percepção do ambiente, minhas fotos buscam propiciar a reflexão acerca de como interagimos com o ambiente que nos circunda. No que diz respeito à percepção do ambiente, Ingold formula uma cisão na fronteira entre natureza e cultura, de modo que o ambiente e seus organismos seriam parte de um todo indivisível, de um sistema em desenvolvimento que está sempre em relação recíproca. Desta relação

manifestam-se os modos de apropriação do ambiente – pensado como um todo, seja de seres animados (como esquilos ou seres humanos) ou inanimados (árvores ou pedras). As imagens deste ensaio procurarão trabalhar essa não separação entre natureza e cultura e, a partir disso, pensar o modo através do qual nos apropriamos das coisas que nos cercam. Dito isso, pretendo também argumentar na linha de que nosso cotidiano é cada vez mais estranhado e sem sentido. Ou seja: que o modo através do qual a percepção e, conseqüentemente, a apropriação do ambiente gera esse estranhamento.

Contribuições do desenho para a pesquisa antropológica Maíra Mafra Costa e Pedro Ferraz Gama (UFRJ)

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “Desenhando a cidade: um estudo etnográfico no Rio de Janeiro”, coordenado por Karina Kuschnir, no Laboratório de Antropologia Urbana (LAU) do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ. O objetivo do projeto é investigar o uso do desenho em meio urbano, com ênfase na cidade do Rio de Janeiro, entendendo o desenho como uma forma específica de olhar, conhecer e registrar a experiência de viver em cidades. O presente trabalho busca analisar as contribuições que o uso do desenho pode trazer para a produção de conhecimento em antropologia. Em uma análise do material reunido, percebemos que o desenho oferece ao pesquisador uma perspectiva muito particular sobre o universo estudado. O processo de desenhar proporciona uma educação do olhar e da atenção do antropólogo, além de potencializar o diálogo entre pesquisador e as pessoas que observa, conferindo maior densidade ao resultado final do trabalho etnográfico.

16:00 – *Painel: Possibilidades etnográficas do cinema*
Debatedor: **Ana Lúcia Ferraz (UFF)**

Sobre o cinema português em ambulância: notas etnográficas sobre o projeto Cinema Português em Movimento pelas Vilas e Aldeias.

Cristina de Branco (Lisboa)

Ao completar quarenta anos como autoridade cinematográfica do Governo de Portugal, o Instituto de Cinema e Audiovisual (ICA), comemora seu aniversário com o lançamento da primeira edição do projeto itinerante Cinema Português em Movimento pelas Vilas e Aldeias. Diagnosticando a pesada centralização da sua ação na capital lisboeta e a insuficiência dos pontos de acesso ao cinema no interior do país, o ICA percorre mais de doze mil quilômetros e leva à mais de cinquenta pequenas localidades, a mais de 4000 espectadores, a projeção ao ar livre de filmes portugueses recentes.

Acompanhando esta itinerância durante os meses de junho, julho e agosto, foram realizadas quatro curta-metragens e recolhidos em áudio cento e noventa testemunhos de espectadores portugueses, residentes nas localidades visitadas, sobre as dimensões presencial e simbólica do cinema português na atualidade e em décadas anteriores. Logrou-se, desta maneira, mapear circuitos de cinema itinerante durante as décadas de cinquenta, sessenta, oitenta e noventa, compreender os meios e dinâmicas de acesso ao cinema, anotar impressões sobre o cinema português e sua relação de identidade ou estranhamento com as populações.

Jean Rouch: A antropologia encontra o cinema no processo de (re)conhecimento, (re)construção e representação do outro

Debora Faria (UNIFESP)

Fruto de uma de iniciação científica financiada pelo CNPq entre os anos de 2009 e 2010, a pesquisa tem como proposta perceber de que modo ciência e arte, ética e estética se unem em um processo que aponta um novo modo de fazer antropologia. O antropólogo francês Jean Rouch trouxe inovações epistemológicas, metodológicas e tecnológicas ao usar o cinema como uma espécie de extensão da antropologia (ou vice-versa). Para ele não existia uma diferença clara entre o fazer etnográfico e o fazer fílmico. Tanto é assim que se autodenominava antropólogo-cineasta. Assim, a antropologia

de Rouch tem ao mesmo tempo um cunho metodológico, estético, político, crítico e reflexivo. Nesse sentido, a pesquisa foi mobilizada justamente para investigar de que forma essa não separação entre ciência e arte, antropologia e cinema de fato se efetivam em dois de seus mais conhecidos filmes: “Os mestres loucos” (*Les maîtres fous*, 1955) e “Eu, um negro” (*Moi, un noir*, 1958).

A polissemia como possibilidade: de etnografia da recepção

Geslline Braga (USP)

Os preceitos para a realização de documentários etnográficos observacionais visam a menor intervenção da técnica no conteúdo, bem como uma forma de tocar a perspectiva nativa. A ausência de *offs* e de entrevistas direcionadas busca evitar o direcionamento do antropólogo. Por estas características, os documentários etnográficos também são territórios de mais livre interpretação. Ou seja, sem os nortes usuais, é dado ao receptor a possibilidade de torna-se, de fato, mediador dos conteúdos apresentados. O objetivo desta comunicação é discutir a partir de teoria, formas de analisar a recepção dos filmes etnográficos entre os nativos que o protagonizam. Por meio de alguns relatos etnográficos de exibições de filmes observacionais. O objetivo não é criar um método de interpretação da recepção, sim apenas pensar estratégias de análise a partir de bibliografia existente, como Pierre Bourdieu e Stuart Hall, e de algumas experiências de campo. Diante disto, a questão inicial é compreender o processo de recepção como mediação e passar a chamar o receptor de mediador, como na concepção de Jesus Martin-Barbero.

Cordeiros da Bahia, festa e trabalho nas cordas do Carnaval

Haroldo Abrantes (UFBA)

Cordeiros da Bahia, festa e trabalho nas cordas do Carnaval é o resultado de uma pesquisa de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia. Nesse trabalho é questionada a ideia que a

festa carnavalesca seja um evento fundamental para a cidade em diferentes aspectos. A ideia de realizar esta investigação tomando por base o ponto de vista dos trabalhadores, surgiu do estranhamento em ver em meio a uma atividade lúdica tantos homens e mulheres empenhados em sustentar uma longa corda, em torno dos elementos que compõem os blocos carnavalescos, criando áreas privativas, exclusivas e excludentes para os foliões que pagam para permanecer nessas áreas. Durante a festa os cordeiros conseguem aliar dois elementos que a princípio parecem ser antagônicos, festa e trabalho.

Dois capítulos merecem destaque. Em “Na pele de cordeiro” é narrada a experiência vivida pelo pesquisador que assume o lugar de cordeiro de bloco, desde o momento da contratação, enfrentando as mesmas adversidades encontradas por estes trabalhadores em sua jornada de trabalho. O segundo capítulo a se destacar, é a narrativa fotoetnográfica contendo mais de 200 fotografias. Nessa narrativa o que se vê é um outro carnaval, vivido pelos trabalhadores cordeiros nas cordas do carnaval baiano.

17:30 – *Mostra de filmes*

A arte e a rua

Direção Carolina Caffé e Rose Satiko Gitirana Hikiji, São Paulo, 2011, 46 min.

Sinopse: Cidade Tiradentes, distrito no extremo Leste de São Paulo, lugar onde a cidade termina, nas palavras de Daniel Hylario, nosso narrador. De lá, chegam rimas, gestos e cores que marcam o espaço. A experiência periférica urbana é a base e o motivo da produção dos artistas de Cidade Tiradentes, que cresceram junto com o distrito paulista e em suas obras dialogam com seus desafios e sonhos. O filme segue a vida e as transformações do street dance, grafite e rap neste lugar considerado o maior complexo de conjuntos habitacionais populares da América Latina, marcado pela exclusão, no qual a população orchestra suas dificuldades com dinâmicas próprias de sociabilidade, moradia, e apropriação do território.

Convidados

Marcus Banks

Professor na Oxford University, Inglaterra. Diretor do SAME, School of Anthropology and Museum Ethnography. Suas publicações tratam de temas como: Antropologia Visual e filme etnográficos, assim como suas metodologias, sociedade indiana urbana, etnicidade, nacionalismo e neonacionalismo.

Ana Lúcia Ferraz

Professora no Departamento de Antropologia na Universidade Federal Fluminense e coordenadora do Laboratório do Filme Etnográfico/UFF. Autora do livro Dramaturgias da autonomia. A pesquisa etnográfica entre grupos de trabalhadores e de filmes etnográficos, entre eles Amores de circo (2010), Feliz ano novo, véio! (1999).

Andréa Barbosa

Mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (1994) e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo/USP (2003). Professora Adjunta do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP é também pesquisadora do Grupo de Antropologia Visual da USP desde 1996 onde realizou pós-doutorado sobre as relações entre imagem, memória e experiência urbana. É autora dos livros São Paulo Cidade Azul (FAPESP/Alameda Casa Editorial, 2012), Antropologia e Imagem (Zahar, 2006) e organizadora e autora dos livros Escrituras da Imagem (FAPESP/Edusp, 2004) e Imagem-Conhecimento (Papyrus, 2009). Dirigiu os documentários O resto é o dia a dia (2001, Prêmio Realidade Brasileira no Festival de Cinema Universitário do Rio de Janeiro), No canto dos olhos (2006), Em(si)mesma (2006, Prêmio da Associação Brasileira de Documentaristas no Festival Internacional do filme Etnográfico) e Caminhos da Memória: Miriam Moreira Leite (2007). Atualmente coordena o VISURB- Grupo de Estudos Visuais e Urbanos na UNIFESP e desenvolve pesquisa na área de Antropologia Visual e Antropologia Urbana.

Claudia Turra Magni

Bacharel e Licenciada em História (Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1983-1987), mestre em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1983-1994) e doutora em Antropologia Social e Etnologia (Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales 1997-2002). É professora da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e ao Bacharelado em Antropologia. É fundadora e coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/UFPel), membro do Comitê de Imagem da ANPOCS (2013-2014) e integrante do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira em Antropologia (CAV/ABA) desde 2009, tendo sido sua coordenadora na gestão 2010-2012. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Visual, Antropologia Urbana, Etno-arqueologia, tendo atuado, principalmente, nos seguintes temas: patrimônio, comida, nomadismo urbano, exclusão/inclusão sociais, população sem domicílio.

Edgar Teodoro da Cunha

Professor do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da UNESP faz parte do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na mesma instituição. Possui mestrado (2000) e doutorado (2005) em Antropologia Social e Pós-Doutorado (2009-10), pela Universidade de São Paulo. Coordena o NAIP - Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance, na UNESP, e é pesquisador associado do GRAVI - Grupo de Antropologia Visual e do NAPEPRA - Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama, ambos da USP. É co-autor do livro "Antropologia e Imagem" (Zahar, 2006), e co-organizador das coletâneas "Escrituras da imagem" (Edusp, 2004) e "Imagem-conhecimento" (Papirus, 2009). Dirigiu ainda os documentários "Jean Rouch, subvertendo fronteiras" (2000), "Ritual da Vida" (2005) e "Mbaraká, a palavra que age" (2011). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Visual, Performance, Etnologia e Teoria Antropológica.

Etienne Samain

É antropólogo e teólogo. Pesquisador do CNPq (bolsista-produtividade A-1), professor titular no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e docente do Departamento de Cinema. Dentre os seus vários trabalhos destaca-se Moroneta Kamayurá. Mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu) e O Fotográfico (2ª edição, 2005). Atualmente, centra seus interesses na elaboração de uma Antropologia da Imagem (baseada nas obras do fundador da Iconologia, Aby Warburg), bem como numa Antropologia da Comunicação Humana, nos moldes de Gregory Bateson e dos trabalhos da Escola de Palo Alto. Nessa perspectiva, acaba de organizar e de publicar um novo livro, intitulado "Como pensam as imagens" (2012) com a colaboração de 10 pesquisadores brasileiros e estrangeiros, cujos resultados permitirão ampliar os questionamentos relativos a uma Epistemologia da Comunicação, tanto como firmar alicerces de uma Antropologia da Imagem.

Fabiana Bruno

Doutora e mestre em Multimeios, pelo Instituto de Artes da Unicamp. Atualmente é professora colaboradora na Unicamp, atuando no Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes e participa de grupo de pesquisa GRIP (Grupo de Reflexão Imagem e Pensamento), vinculado ao CNPq. Em suas produções de pesquisa tem se dedicado a temas relacionados ao universo da imagem, da memória, da arte, da poética e da antropologia da imagem. Sua pesquisa de doutorado, intitulada "Fotobiografia – Por uma Metodologia da Estética em Antropologia", orientada pelo Prof. Dr. Etienne Samain, recebeu o Prêmio Capes de melhor tese da área de "Ciências Sociais Aplicadas I" de 2010; no presente, vem construindo e promovendo discussão centrada no contexto dos arquivos e inter-relações com a poética e antropologia da imagem, no âmbito de seu pós-doutoramento na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, sob a supervisão do Prof. Dr. Eduardo Peñuela.

Fernanda Rechenberg

É professora adjunta de Antropologia no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e mestrado e doutorado em Antropologia Social pela mesma universidade (UFRGS) (2007 e 2012). Tem experiência nas áreas de Antropologia e Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia visual e sonora, antropologia urbana, cotidiano, memória coletiva, religiões afro-brasileiras, meio ambiente, e fotografia documental. Nos últimos anos, atuou em projetos foto-etnográficos tematizando as transformações urbanas, as tradições afro-religiosas, e o retrato fotográfico na cidade de Porto Alegre-RS, os quais resultaram na publicação de livros e na realização de exposições. Atualmente, coordena o Laboratório Antropologia Visual em Alagoas (AVAL) e o acervo fotográfico do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, na UFAL, desenvolvendo projetos de preservação fotográfica e pesquisas sobre imagem e memória entre os brincantes dos folguedos alagoanos. Atua também como colaboradora do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) da UFRGS.

Francirosy Campos Barbosa Ferreira

Atualmente é pesquisadora e docente de Antropologia no Dpto Psicologia Social na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto (FFCLRP), é coordenadora do GRACIAS - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes; é pesquisadora de dois Projetos Temáticos FFLCH USP financiados pela FAPESP e coordenadora do projeto Pesquisador Regular FAPESP. Sócia efetiva da ABA Associação Brasileira de Antropologia. Pesquisadora do NECI Núcleo de Estudos em Contextos Islâmicos (CRIA/ISCTE), Pesquisadora do ÁLIF (UFPA), Pesquisadora do GRAVI e NAPEDRA (USP). Organizadora do livro: Olhares femininos sobre o Islã: etnografias, metodologias e imagens (Hucitec, 2010) e co-organizadora da coletânea: Performance - Arte e Antropologia (Hucitec, 2010). Diretora dos vídeos: Allahu Akbar, Sacrifício e Vozes do Islã. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Teoria Antropológica, atuando principalmente nos seguintes temas: islamismo, antropologia da performance, antropologia visual, metodologia, mulheres muçulmanas.

Karina Kuschnir

Karina Kuschnir é professora do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ, onde coordena o Laboratório de Antropologia Urbana (LAU, www.lau-ufrj.blogspot.com). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (nível 2) e autora, entre outros, dos livros "Antropologia da Política" e "Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico" (co-org. com Gilberto Velho). Atualmente desenvolve os projetos "História audiovisual das Ciências Sociais nos países da CPLP" (CNPq/CPLP, www.cpdoc.fgv.br/cientistassociais), "Desenhando cidades: estudos etnográficos no universo de designers urbanos" (CNPq/Faperj) e "Laboratório de Antropologia e Design" (Faperj, parceria IFCS/Esdi-UERJ).

Paula Morgado

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1985), DEA em Antropologia Social e Etnologia - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris (1987), mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1994), doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2004) e pós-doutorado em antropologia visual na Université Laval, Québec (2009). Entre 1989 e 1995 desenvolveu pesquisa entre os índios Wayana e Aparai do norte do Brasil, da qual resultou sua dissertação de mestrado e artigos na área de etno-medicina. Após essa data passou a se dedicar à antropologia visual, realizando pesquisa desta vez com os Wayana da Guiana Francesa entre 1996-2002. Desde 2006 desenvolve estudos sobre a relação entre a antropologia e as novas mídias, em especial a internet, com foco nos grupos indígenas Wayana (BR e GF) e grupos indígenas do Nordeste, além de realizar documentários na cidade de São Paulo. Em setembro de 2008 iniciou um estudo sobre auto-representação na Internet entre os Innus, povo indígena da costa leste de Québec, dentro de uma pesquisa mais ampla comparando experiências indígenas brasileiras e canadenses. É membro do GRAVI (Grupo de Antropologia Visual) da USP, do CIÉRA (Centre interuniversitaire d'études et recherches autochtones) e da Associação Brasileira de Antropologia. Desde 1991 trabalha no LISA (Laboratório de Imagem e Som em Antropologia) da USP como técnica especializada

superior nas áreas de documentação, produção e curadoria de eventos e intercâmbios acadêmicos.

Rose Satiko Gitirana Hikiji

É professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. É autora dos livros *A música e o risco* (Edusp, 2006) e *Imagem-violência – Etnografia de um cinema provocador* (Terceiro Nome, 2012) e co-autora de *Lá do Leste – Uma etnografia audiovisual compartilhada* (Humanitas, 2013). É co-organizadora dos livros *Escrituras da Imagem* (Edusp, 2004) e *Imagem-Conhecimento* (Papyrus, 2009). Dirigiu os filmes etnográficos *A arte e a rua* e *Lá do Leste* (com Carolina Caffé), *Cinema de Quebrada* e *Pulso*, um vídeo com Alessandra, entre outros.

Silvia Aguiar Carneiro Martins

Desde 1992, está vinculada à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como professora e pesquisadora. Em 2003, defendeu a tese de doutorado no campo da Antropologia Médica, intitulada “Gender and Reproduction: Embodiment Among the Kariri-Shocoof Northeast Brazil”, obtendo título de Ph.D. em Antropologia pela University of Manitoba, Canada. Entre 2004 e 2012, coordenou o grupo de pesquisa intitulado Antropologia Visual em Alagoas (AVAL) através do qual vem conduzindo pesquisas utilizando Antropologia Audiovisual enquanto método de pesquisa. Através do AVAL várias pesquisas foram desenvolvidas: xamanismo indígena em grupos indígenas (2004); terras indígenas em Alagoas (de 2005 a 2007) e sobre xamanismo urbano, particularmente sobre o uso ritual da ayahuasca e outras substâncias (2008 – 2012). Tem produzido filmes etnográficos a partir dessas pesquisas, como *Kambô... a Vacina do Sapo* (2009; 21’:28”), *Escutando do Coração das Coisas* (2010; 23’:21”), *O Casamento de Camila e Docho* (2011;40’), *Kambô... xamãs urbanos* (2012; 13’:38”), *paricá... rapé...* (2012; 14’:31”) e *Hans saudando Ogum* (2012; 3’:36”).

Sylvia Caiuby Novaes

Sylvia Caiuby Novaes é Professora Titular no Departamento de Antropologia na Universidade de São Paulo, coordenadora do LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia e do GRAVI – Grupo de

Antropologia Visual. A partir de 1997 coordenou três projetos temáticos financiados pela FAPESP, o terceiro ainda em vigência, todos eles voltados para o uso da imagem – fixa e em movimento – na Antropologia.

Viviane Vedana

É doutora em Antropologia Social pela UFRGS, pesquisadora colaboradora no projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e atualmente realiza pós-doutoramento sobre o tema da Memória do Trabalho na cidade moderno-contemporânea. Tem experiência de pesquisa em Antropologia Urbana e Imagem, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia visual e sonora, formas de sociabilidade, práticas cotidianas e memória coletiva. Entre suas produções estão a tese de doutorado “No Mercado tem tudo o que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas de Mercado de rua no mundo urbano contemporâneo”, o documentário “Tempero do Mercado” e os artigos “Diálogos entre a imagem visual e a imagem sonora: a experiência de escritura do sonoro nos documentários etnográficos” publicado na Revista Ciberlegenda n. 24, 2011”, “A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia Sonora” na Revista Chilena de Antropología Visual, v. 13, 2009. “Sonidos de la Duración: prácticas cotidianas del mercado en el mundo urbano contemporáneo. Una Introducción a la construcción de colecciones etnográficas de imágenes”. Revista Chilena de Antropología Visual p. 1, 2008.

Participantes

Alexandre Bispo (USP)
André Neves (USP)
Bárbara Morais (UFF)
Bianca Salles Pires (UFF)
Bruno Puccinelli (UNICAMP)
Carolina Abreu (USP)
Carolina Pitanga (UFMA)
Carlos Henrique (UFRJ)
Cleiton Maia (UFRJ)
Cristina de Branco (UNL)
Debora Faria (UNIFESP)
Denise Martin (UNIFESP/ Santa Casa)
Diego Moreiras (CONICET)
Diogo Campos (UFF)
Erika Paula (UNIFESP)
Fernando Filho (UNIFESP)
Fernando Firmo (UFBA)
Gabriel Restiffe (USP)
Geslline Braga (USP)
Haroldo Abrantes (UFBA)
Hugo Vale (UNB)
Isis Marafanti (UNIFESP/ Santa Casa)
Larissa Fontes (UFAL)
Lilian Ratto (UNIFESP/ Santa Casa)
Maíra Mafra Costa (UFRJ)
Marcela Vasco (UNIFESP)
Maria Carolina Pinheiro (UNIFESP/ Santa Casa)
Maria Raquel Duran (USP)
Paula Kakazu (UNIFESP)
Pedro Ferraz Gama (UFRJ)
Vinícius Azevedo

Pedro Gradella (UFF)
Pedro Ivo Silva (UFF)
Rafaela Soldan (UFSCAR)
Victor Eiji (USP)
Vinícius Azevedo (UFRJ)

Ficha técnica

Coordenação geral do seminário

Andréa Barbosa

Comissão organizadora

Debora Costa de Faria
Denise de Paula da Silva Ferreira
Fernando José Filho
Janaína Sant'Ana de Andrade
Marcela Roberta Guimarães Vasco
Pamella Garcia Souza Bravo
Rafael Acacio de Freitas

Comissão científica

Ana Lúcia Ferraz
Andréa Barbosa
Edgar Teodoro da Cunha
Francirosy Ferreira
Karina Kuschnir

Monitoria

Ana Lúcia Aguiar
Erika Paula dos Santos
Fernanda Matos
Guilherme Stoner
Joice Oliveira
Juliane Yamanaka
Paula Harumi
Rodrigo Baroni

Apoio

FAPESP

Departamento de Ciências Sociais/UNIFESP - EFLCH

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP

CAV-Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia.